

## **A crítica especializada de histórias em quadrinhos e a legitimação das produções femininas<sup>83</sup>**

*Specialized criticism of comics and the legitimation of  
female productions*

*La crítica especializada de historietas y la legitimación  
de las producciones femeninas*

*Daniela dos Santos Domingues Marino<sup>84</sup>*

---

<sup>83</sup> Recebido em 15/10/2022, versão aprovada em 20/11/2022. Trabalho originado da comunicação científica apresentada em comunicação oral no V Fórum Nacional de Pesquisadores em Arte Sequencial (FNPAS), ocorrido em Santos/SP, no período de 12 e 13 de novembro de 2020.

<sup>84</sup> Mestre em Ciência da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP (2018). Doutoranda no programa de pós-graduação em Ciência da Informação na ECA/USP. LATTES ID: <http://lattes.cnpq.br/8047443418080931>. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-8713-2254>. E-mail: [dsoomingues@hotmail.com](mailto:dsoomingues@hotmail.com).

### RESUMO

Esta é uma pesquisa inicial que visa alertar a comunidade acadêmica de estudos de histórias em quadrinhos para o fato de que o processo de legitimação cultural dessas produções sequenciais ainda está em curso. Essa legitimação passa por diversas esferas que não operam de maneira igualitária em relação a todos os gêneros de quadrinhos. A crítica especializada é apenas uma das esferas pelas quais os quadrinhos podem ser legitimados culturalmente e, como ocorre em qualquer campo, sua confecção é permeada por valores que refletem o contexto onde estão inseridas, ou seja, em maior ou menor grau, os problemas relacionados ao machismo e ao sexismo presentes na sociedade, incluindo o *male gaze*, podem ser observados e, por se tratarem de problemas que afetam os integrantes desse meio de forma significativa. Conclui que é de interesse da Ciência da Informação e das Ciências Sociais Aplicadas e das humanidades em geral que os campos do conhecimento se tornem espaços mais diversos e reflitam a pluralidade de traços, temas, vivências que estão “no gibi” e fora dele também.

**PALAVRAS-CHAVE:** estudos de gênero nas histórias em quadrinhos; crítica especializada das histórias em quadrinhos; representações nas histórias em quadrinhos.

### ABSTRACT

This is initial research that aims to alert the academic community of comics studies to the fact that the process of cultural legitimation of these sequential productions is still ongoing. This legitimization goes through several spheres that do not operate equally in relation to all genres of comics. Specialized criticism is just one of the spheres through which comics can be culturally legitimized and, as in any field, their production is permeated by values that reflect the context in which they are inserted, that is, to a greater or lesser extent, the problems related to them. to machismo and sexism present in society, including male gauze, can be observed and, because they are problems that significantly affect the members of this milieu. It concludes that it is in the interest of Information Science and Applied Social Sciences and the humanities in general that the fields of knowledge become more diverse spaces and reflect the plurality of traits, themes, experiences that are “in the comic book” and outside of it as well.

**KEYWORDS:** gender studies in comics; specialized criticism of comics; representations in comics.

### RESUMEN

Esta es una investigación inicial que pretende alertar a la comunidad académica de estudios de historietas sobre el hecho de que el proceso de legitimación cultural de estas producciones secuenciales aún está en curso. Esta legitimación pasa por varias esferas que no operan por igual en relación con todos los géneros de historietas. La crítica especializada es solo uno de los ámbitos a través de los cuales se puede legitimar culturalmente la historieta y, como en cualquier campo, su producción está permeada por valores que reflejan el contexto en el que se inserta, es decir, en mayor o menor medida, se pueden observar los problemas relacionados con ellos, con el machismo y el sexismo presentes en la sociedad, incluida la gasa masculina, y por tratarse de problemas que afectan significativamente a los integrantes de este medio. Concluye que es de interés de las Ciencias de la Información y las Ciencias Sociales Aplicadas y de las humanidades en general que los campos del conocimiento se conviertan en espacios más diversos y reflejen la pluralidad de rasgos, temas, experiencias que están “en la historieta” y fuera de ella también.

**PALABRAS CLAVE:** estudios de género en historietas; crítica especializada de historietas; Representaciones en historietas.

## INTRODUÇÃO

O avanço dos estudos acadêmicos de histórias em quadrinhos que acompanha o processo de legitimação cultural pelo qual a Nona Arte tem passado nas últimas décadas (CARVALHO, 2017), bem como o advento da internet e das redes sociais, possibilitou o aumento nas discussões e reflexões acerca de como diferentes segmentos sociais são representados nas histórias em quadrinhos. Como fenômeno de observação da intersemiose no séc. XXI, temos o lançamento do filme longa-metragem da “Mulher-Maravilha”, dirigido pela cineasta Patty Jenkins, em 2017. Posteriormente, mediante o sucesso alcançado por Jenkins, ela foi também a diretora da película Mulher-Maravilha 1984”, lançado no ano de 2020.

Em ambos os casos, não havia antecedentes de direção ou codireção de mulheres, relacionadas às produções intersemióticas dos quadrinhos *mainstream* estadunidenses. É importante também destacar que, apesar de ser uma importante e famosa personagem, lançada na Era de Ouro dos quadrinhos *mainstream*, a Mulher-Maravilha teve sua primeira aparição, como personagem secundária, no filme de animação “Lego Batman” de 2014.

Essas discussões têm apontado para a existência de estereótipos e tropos recorrentes em relação a grupos socialmente minorizados que costumam ser nocivos (EUGÊNIO, 2017a; OLIVEIRA, 2007) e que, a longo prazo, geram a fixação desses estereótipos e preconceitos no imaginário coletivo dos leitores, reforçando o senso comum de uma cultura dominante.

De acordo com Bourdieu (1989), essa cultura dominante se dá por meio da legitimação de distinções que visam separar os indivíduos de acordo com o sistema de valores estabelecido pelos grupos dominantes que buscam se definir pela distância que mantém dos demais grupos.

Nos quadrinhos, essas distinções podem ser observadas a partir de diversos elementos que constituem seu universo e a crítica especializada é um deles. Porém, vale ressaltar que tais inquietações relacionadas ao consumo de crítica de quadrinhos norteiam uma pesquisa de doutorado iniciada em 2021, portanto, os apontamentos aqui apresentados são ainda seminiais e partem da leitura de diversos autores para fundamentar e ilustrar os fenômenos sociais comentados ao longo deste capítulo.

Para além do que se pode observar sobre a construção e representação de identidades na cultura pop em um contexto capitalista e da importância dos produtos culturais para a articulação de sentidos, há aspectos relacionados à forma como a informação sobre esses produtos é difundida que parece determinar significativamente não só a relação que o público consumidor tem com obras que suscitem debates sobre gênero, como também a forma como ele

interpreta as informações que recebe acerca das obras, afetando então a distribuição e alcance delas a partir da expressão de críticos e veículos especializados que se apropriam de certos espaços como agentes culturais legitimadores. Isso porque

[...] as tecnologias de informação e comunicação, ao apontarem novas formas de produção, circulação e recepção de produtos simbólicos, contribuíram, juntamente com a discussão estética relacionada à pós-modernidade, para tornar a atual cena cultural cada vez mais complexa. Múltiplas camadas de informação se agregam aos produtos culturais, sinalizando a constituição de um novo tipo de “conhecimento” necessário para a crítica e compreensão das obras. (ALMEIDA, 2009, p.184).

Diversas pesquisas, entre elas, teses, artigos, livros e dissertações têm chamado a atenção para a ausência de mulheres em premiações, antologias e obras sobre a história das histórias em quadrinhos no Brasil e no mundo (EUGÊNIO, 2017a; OLIVEIRA, 2007, MESSIAS, 2018, MARINO; MACHADO, 2019; COAN, 2019) e por meio do registro da presença das mulheres nos quadrinhos, pesquisadoras acabam cumprindo um papel social de preservação da memória das artistas, para que sua existência não seja apagada como o que ocorreu com as mulheres em diversas áreas do conhecimento ao longo de toda história da humanidade e tem ocorrido em relação à crítica especializada de histórias em quadrinhos.

Essa ausência pode ser facilmente notada ao compararmos a quantidade de resenhas e críticas sobre ganhadores do HQMIX<sup>85</sup> do sexo masculino e a quantidade de críticas sobre as produções femininas ganhadoras nas mesmas categorias em anos diferentes, ou seja, ainda que de forma inconsciente ou não intencional, o apagamento das mulheres nos quadrinhos impacta o registro de suas existências e a recuperação de informações sobre elas no futuro, assunto caro não só para a história do conhecimento, como para a ciência da informação, pois,

[...] o poder da escrita é “uma parte essencial dos mecanismos da disciplina” ou o aparelho disciplinar através do qual indivíduos são construídos como objetos de conhecimento. Assim, o interesse de Foucault não é na documentação como um meio de comunicação de informação, mas como transmissão de poder gerativo e formativo, através do qual indivíduos que podem ser conhecidos são constituídos institucionalmente. Em termos gerais, não pode haver informação sobre algo de um tipo X se este tipo não existir. E se o tipo não pode existir sem documentação, então a documentação é necessária para que haja informação sobre ele. (FROHMANN, 2008, p. 25).

No passado, um dos fatores que dificultava o alcance e visibilidade dos trabalhos produzidos pelas mulheres se devia ao preconceito de editores que determinavam quem poderia

---

<sup>85</sup> O Troféu HQ-Mix é considerado o “Oscar dos quadrinhos brasileiros”. Premia quadrinhistas e estudiosos desde 1988, sendo premiação mantida pela Associação dos Cartunistas do Brasil (ACB). Nota da editora.

ser publicado ou não, mas, a partir do fanzinato e da autopublicação, muitas artistas passaram a produzir e distribuir seus quadrinhos de forma independente. Com o advento da internet e das redes sociais, um salto importante foi dado quanto ao alcance e meios de publicação, propiciando que artistas pudessem expor seus quadrinhos a um número cada vez maior de pessoas (MESSIAS, 2018), o que favorece a impressão de que nunca tantas mulheres produziram quadrinhos como hoje.

Então, se em termos qualitativos e quantitativos as mulheres estão mais presentes na produção e pesquisa de histórias em quadrinhos, por que essa presença ainda não é sentida em premiações, convenções e feiras, antologias e outras esferas de legitimação cultural dessas produções?

Um dos fatores que podem contribuir para a dificuldade de alcance dessas artistas diz respeito à crítica especializada de quadrinhos como um espaço de validação cultural que possibilitaria o reconhecimento da produção feminina como algo legítimo, de qualidade e de interesse do público leitor de quadrinhos de maneira geral, não apenas como produtos de nicho voltados para o público feminino.

Ainda que possamos fazer uma distinção entre crítica e resenha (ALMEIDA, 2009), a realidade é que o processo de legitimação cultural das histórias em quadrinhos ainda está em vias de consolidação (CARVALHO, 2017), o que significa que muitos aspectos da formação como um campo autônomo não estão estruturados de maneira igualitária e diversa uma vez que, ao menos em relação à crítica de quadrinhos, se trata de um espaço hegemônico composto majoritariamente por pessoas integrantes de grupos socialmente dominantes, ou seja, a produção privilegiada nas resenhas, premiações, antologias, reflete a posição que os críticos ocupam no espaço social, uma posição que se distancia dos demais grupos por meio de distinções diversas:

Na luta pela imposição de visão legítima do mundo social, em que a própria ciência está inevitavelmente envolvida, os agentes detêm um poder à proporção do seu capital, quer dizer, em proporção ao reconhecimento que recebem de um grupo. A autoridade que fundamenta a eficácia performativa do discurso sobre o mundo social, a força simbólica das visões e das previsões que têm em vista impor princípios de visão e de divisão desse mundo, é um *percipi*, um ser conhecido e reconhecido (*nobilis*), que permite impor um *percipere*. Os mais visíveis do ponto de vista das categorias de percepção em vigor são os que estão mais bem colocados para mudar a visão mudando as categorias de percepção. Mas, salvo exceção, são também os menos inclinados a fazê-lo. (BOURDIEU, 1989, p. 145).

Isso significa dizer que mesmo que haja espaços dedicados à análise, crítica e divulgação das histórias em quadrinhos produzidas por mulheres, esses espaços são mantidos por agentes sociais que não gozam da mesma “respeitabilidade” e alcance que os críticos de

sexo masculino possuem. Nesse sentido, é possível inferir que um dos fatores que dificultariam maior inserção das mulheres no mercado de quadrinhos é a forma como seus quadrinhos são avaliados, quando são avaliados, pelos críticos de maior poder simbólico. Considerando que a maior parte de tudo que é publicado sobre as histórias em quadrinhos é difundida via internet e redes sociais, os conceitos relacionados à forma como as pessoas acessam essas informações e o que fazem com as informações que recebem podem fornecer meios de interpretar os fenômenos envolvidos durante a leitura e processamento do conhecimento obtido sobre as obras mediadas pela crítica especializada.

Assim, aprofundar o debate em torno das questões de gênero que podem ser observadas na crítica cultural sobre histórias em quadrinhos produzidas por mulheres, pode ser um caminho para se discutir a desconstrução de um olhar que tem sido nocivo para vários grupos devido à maneira que são representados em todas as narrativas há vários séculos. Esse olhar, majoritariamente masculino (MULVEY, 1989), tem sido alvo de reflexões em diversas áreas o conhecimento e afeta não só o acesso das mulheres ao fazer artístico, como determina quem pode falar sobre o quê e para quem, ou seja, afeta a crítica às produções femininas e determina seu alcance, apropriação, recepção e circulação sob o argumento recorrente de que a crítica operaria a partir de critérios técnicos e objetivos e que, portanto, as avaliações predominantemente negativas ou simplesmente inexistentes sobre a produção feminina, em todas as áreas, não se devem a aspectos subjetivos relacionados ao gosto pessoal de seus autores e à construção social desse gosto ao qual somos todos submetidos.

Porém, enquanto as críticas de arte, literatura e até mesmo a cinematográfica se consolidaram como disciplinas acadêmicas em diversos cursos, o mesmo não ocorre com as histórias em quadrinhos e suas produções derivadas, afinal, seu processo de legitimação cultural ainda está em curso. As “críticas” produzidas e difundidas em redes sociais e blogs partem de fãs ou jornalistas especializados em histórias em quadrinhos, ainda que não haja uma disciplina nos cursos de jornalismo voltada exclusivamente para a análise técnica dessas obras, salvo raras exceções.

Destarte, o que se busca refletir a partir deste capítulo é como a incidência do olhar masculino representa um aspecto determinante da avaliação e atribuição de valor de uma obra na crítica de histórias em quadrinhos que suscitam debates sobre questões de gênero, pois são representações sociais introjetadas que determinariam a forma como os consumidores se relacionam com as mensagens e conteúdos dessas obras.

## GÊNERO COMO CATEGORIA DE ANÁLISE

A ficção não pode ser dissociada do contexto em que está inserida e onde foi produzida, pois a negociação simbólica que ocorre entre parte significativa do público e as obras se dão a partir de repertórios e vivências que ocorrem fora das páginas dos quadrinhos e afeta, juntamente com outros produtos culturais, a forma como parte do público ao qual essas obras se destinam busca construir sua identidade.

A origem das considerações sobre gênero e sexualidade data do surgimento dos estudos de gênero e têm em seu cerne questões levantadas pelos movimentos feministas da primeira e segunda onda, perpassadas pela antropologia, demonstrando o caráter transdisciplinar que a teoria de gênero apresenta, tendo entre seus maiores ícones, Simone de Beauvoir e Judith Butler.

Dentro da academia, várias terminologias foram e são usadas para contemplar os estudos relacionados aos gêneros. De acordo com Heilborn e Sorj (1999), “Os Estudos sobre Mulher, Estudos de Gênero ou de Relações de Gênero” foram às fórmulas encontradas para institucionalizar a reflexão impulsionada pelo diálogo com o feminismo na academia brasileira.

Principalmente a partir da década de 1980, a substituição da palavra “mulher” por “gênero” colaborou para a rejeição do determinismo biológico como único elemento fundamental das categorizações sociais e sexuais (HEILBORN; SORJ, 1999; SCOTT, 1995), possibilitando assim, que os estudos das relações de gênero pudessem ser compreendidos como elementos responsáveis pela organização da vida social cujos efeitos afetariam também a produção de conhecimento acadêmico.

É por meio da categorização acadêmica que podemos entender, por exemplo, que “tudo que é da ordem do humano é marcado, sendo a significação instaurada pelo valor” (HEILBORN; SORJ, 1999), salientando que dentro de uma hierarquia social, é a partir da determinação do “masculino” ou em contraponto a ele, que as produções são avaliadas como boas ou ruins, toleráveis ou não e

[...] a intolerância estética exerce violências terríveis. A aversão pelos estilos diferentes é, sem dúvida, uma das mais fortes barreiras entre classes: como bom testemunho, temos a homogamia. E, para aqueles que julgam ser detentores do gosto legítimo, o mais intolerável é, acima de tudo, a reunião sacrílega dos gostos que, por ordem do gosto, devem ser separados. (BOURDIEU, 2017, p. 57).

De acordo com o diagrama de distinções de Bourdieu, pessoas pertencentes aos mesmos grupos sociais tendem a se aproximas justamente por suas semelhanças à medida que se afastam de outros grupos:

A proximidade no espaço social predispõe à aproximação: as pessoas inscritas em um setor restrito do espaço serão ao mesmo tempo mais próximas (por suas propriedades e suas disposições, seus gostos) e mais inclinadas a se aproximar; e também mais fáceis de abordar, de mobilizar. (BOURDIEU, 1996, p. 25).

Para Becker (2009), essas produções são representações sociais organizadas a partir de determinados critérios que nos contam sobre algum aspecto da vida social e para que sejam interpretadas é preciso que seus produtores e usuários estabeleçam, implicitamente, na maioria das vezes, quais são os códigos envolvidos nessas obras que possibilitarão que elas cumpram seu papel adequadamente, ou seja, que comuniquem aos usuários o que seus produtores pretendiam comunicar:

Em geral, os produtores realizam representações de uma forma padronizada que todos compreendem e sabem como fazer e usar. Ocasionalmente, porém, por uma razão qualquer, alguém começa a fazer representações de um tipo particular de maneira diferente, violando alguns dos acordos existentes e provocando discordâncias e conflitos. Essas situações, que põem em questão padrões considerados garantidos, fornecem os melhores dados possíveis para a análise sociológica do trabalho diário de representar a sociedade. A polaridade de padronização e inovação põe em relevo muitas características do processo. (BECKER, 2009, p. 96).

Assim, representações que fogem ao padrão que possibilita que os usuários de determinadas obras possam compreendê-las, acabam por gerar conflitos e discussões sobre qual seria a melhor maneira de representar os diversos elementos contidos em uma produção de forma que eles agradem seus usuários. Por isso, ao longo de vários ensaios, Becker (2009) reflete sobre a necessidade de diversidade nas representações sociais a partir da ideia de que nenhuma representação é capaz de contemplar em sua totalidade um fenômeno social, seja ela uma representação científica, por meio de tabelas matemáticas e dados estatísticos, ou artísticos como uma fotografia ou peça de teatro.

Para subverter essa percepção de que o que determinados grupos produzem não é bom, é preciso um trabalho de desconstrução social, cultural, epistemológica a partir de conceitos relacionados à descolonização. García Gutiérrez (2013) chama esse processo de desconstrução e descolonização do olhar de “desclassificação”. O autor propõe que seja realizado um trabalho intenso sobre a cultura, a identidade, a memória e a organização do conhecimento que reabilite a percepção e produção de sentidos a partir da lógica da paraconsistência. Isso significa dizer que ao aproximar conceitos aparentemente antagônicos, o que se busca não é a exclusão de um ou de outro na perspectiva binária de que um é certo e o



outro errado, um é bom e o outro é ruim, mas que ambos podem ser verdadeiros. Ou seja, propor novas maneiras de se avaliar determinados trabalhos não significa impor que outros olhares sejam extintos, mas, acima de tudo, que se reconheça que novas possibilidades mais inclusivas devem ser igualmente consideradas, pensamento que é compartilhado por Becker ao concluir que “uma boa investigação de qualquer fenômeno social nos traz uma Babel de vozes diferentes. Se quisermos fazer o trabalho de representação com exatidão, temos de ouvir e relatar todas essas vozes” (BECKER, 2009, p. 257).

Logo, é necessário lançar mão de teorias provenientes de diversas áreas para que possamos compreender um determinado fenômeno social em sua amplitude, uma vez que nem sempre uma única teoria ou metodologia de análise consegue contemplar um evento em sua totalidade. Por isso, é na intersecção de conceitos relacionados a questões de gênero, histórias em quadrinhos, crítica, cultura, sociologia e ciência da informação que podemos encontrar subsídios para a construção de um repertório que nos possibilite uma reflexão aprofundada sobre os temas aqui apresentados.

## **O MALE GAZE E OS ESTUDOS DE QUADRINHOS**

Uma vez que questões relacionadas à forma como as mulheres são social e culturalmente validadas não se limitam a um único campo, é necessário, então, pensar em percursos metodológicos que possibilite a análise dos fenômenos de maneira mais ampla possível. Um desses percursos é a produção horizontal de conhecimento – PHC – (BERKIN, 2020), que considera a utilização de diversos saberes para a produção de um conhecimento que possibilite a solução de problemas comuns. De acordo com Berkin, a produção horizontal do conhecimento é uma proposta para uma investigação que dialoga com as diversas formas de entender o mundo, assumindo que “os envolvidos nos problemas também possuem soluções nos leva a equilibrar as formas de escutar, responder e enfrentar no diálogo os problemas que ameaçam a vida social” (BERKIN, 2020, p. 11).

Nesse sentido, ainda que o conceito de *male gaze* tenha sido conceituado a partir da psicanálise e do tipo de olhar que consolidou a forma como as produções cinematográficas foram desenvolvidas, é possível observá-lo nas histórias em quadrinhos não só em relação ao tipo de enquadramento ao quais certos personagens são submetidos (todas as personagens femininas e alguns personagens masculinos como o Asa Noturna, da DC), mas também na forma como as HQ produzidas por mulheres são avaliadas pela crítica especializada: enquanto o caráter de genialidade é frequentemente atribuído aos quadrinistas de sexo masculino e heterossexuais (EUGENIO,

2017b), as demais produções que se distinguem da norma por apresentarem questões relacionadas a gênero são frequentemente chamadas de “panfletárias”, “políticas”, “lacradoras”<sup>86</sup>.

Isso ocorre porque o mito do masculino universal e da objetividade imparcial, seja na crítica especializada ou em qualquer outro campo, se pauta na crença da falta de objetividade feminina (HARAWAY, 1995) e ilustra como as demais produções evoluíram a partir da ideia de que tudo que diz respeito ao que não é “do homem”, reflete os anseios, ideias do “outro”, de tudo que não é o “eu” (BEAUVOIR, 2014; HERMANN, 2014), ou seja, tudo que não é produzido por alguém integrante de um grupo dominante só existe conceitualmente em oposição ao que é a norma e nessa categoria estão as mulheres, que, de acordo com Haraway (1995), padecem de serem objetos de um olhar perverso por parte dos colegas do sexo masculino na ciência, tal qual ocorre com as mulheres nas produções artísticas ao serem observadas através do *male gaze*:

Laura Mulvey desenvolveu o conceito de *male gaze* quando, ao fazer a distinção analítica entre emissão e recepção, analisou o espectador ideal, argumentando que as imagens oferecidas por Hollywood tinham o objetivo de fomentar o prazer visual masculino, que ela “interpreta com os paradigmas da psicanálise, incluindo scopophilia e voyeurismo” O conceito de *gaze* tem, fundamentalmente, a ver com a relação entre o prazer e as imagens. *Male gaze* é aqui desenvolvido no sentido do poder de quem olha e do desapossamento de quem é olhado, salientando-se igualmente a dimensão do olhar colonizador. (CRUZ, 2010, p. 72).

Ainda sobre a incidência desse olhar, Oliveira (2007) afirma que o corpo feminino é idealizado para e com base no olhar masculino, pois é ele que se apropria de e constitui as mulheres no que Bourdieu denomina de objetos simbólicos. Tanto os objetos simbólicos como suas características (beleza, porte, altura...), existem primeiro pelo e para o olhar dos outros como objetos receptivos, atraentes e disponíveis, ou seja, produções que não contemplem esses aspectos tendem a ser automaticamente intoleráveis para o grupo que tem o poder de legitimá-las.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em mente o percurso apontado para a utilização de conceitos que possibilitem uma diversidade de formas pelas quais podemos refletir não só sobre a produção das histórias em quadrinhos, como sobre sua recepção, mediação, alcance e consumo, considerar que a crítica especializada é um dos espaços de legitimação das produções nos levaria a ressignificar a maneira como são confeccionadas a fim de subvertermos a relação que temos com ela. Isso significa dizer

---

<sup>86</sup> Lacradora é um termo utilizado por produtores de conteúdo sobre cultura pop que se identificam com movimentos como o *comicsgate*, dedicado a atacar quaisquer autores ou quadrinhos que tragam representações de diversidade em suas histórias. Disponível em: <https://www.nebulla.co/comicsgate/>. Acesso em: 14 mar. 2023.

que não só os críticos deveriam considerar critérios de análise mais justos e igualitários ao avaliarem todas as produções, como também é urgente que leitores de quadrinhos pensem criticamente sobre o que consomem para que o *male gaze* não seja reforçado em todas as etapas envolvidas na circulação das histórias em quadrinhos. Para isso, editoras e autores poderiam incentivar mais os canais que produzem conteúdos focados nas produções femininas como o **Mina de HQ, Garotas Geeks, Delirium Nerd, Preta, Nerd e Burning Hell, Diversidade Nerd e Splash Pages** com envios de suas produções da mesma forma que já o fazem para críticos com maior alcance, afinal, ter maior número de seguidores em suas redes sociais não significa que entre esses seguidores há leitores de obras consideradas de nicho.

Por fim, esta é uma pesquisa inicial que visa alertar a comunidade acadêmica de estudos de histórias em quadrinhos para o fato de que o processo de legitimação cultural dessas produções sequenciais ainda está em curso e essa legitimação passa por diversas esferas que não operam de maneira igualitária em relação a todos os gêneros de quadrinhos.

A crítica especializada é apenas uma das esferas pelas quais os quadrinhos podem ser legitimados culturalmente e, como ocorre em qualquer campo, sua confecção é permeada por valores que refletem o contexto em que estão inseridas. Em maior ou menor grau, os problemas relacionados ao machismo e ao sexismo presentes na sociedade, incluindo o *male gaze*, podem ser observados e, por se tratar de problemas que afetam os integrantes desse meio de forma significativa, precisam ser desmistificados e até combatidos. Afinal, é do interesse da Ciência da Informação, das Ciências Sociais Aplicadas e das humanidades em geral que os campos do conhecimento se tornem espaços mais diversos e reflitam a pluralidade de traços, temas, vivências que estão “no gibi” e fora dele também.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.A. de. Informação, tecnologia e mediações culturais. **Revista Perspectivas em Ciência da informação**, [S.l.], v.14, n. esp., p. 184-200, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23126>. Acesso em: 25 dez. 2022.

BEAUVOIR, S. de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1960.

BECKER, H. **Falando da Sociedade** – Ensaio sobre as diferentes maneiras de representar o social. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2009.

BERKIN, S. C. **Producción horizontal del conocimiento**. Alemanha: Bielefeld University Press, 2020.

BOFF, E. de O. **De Maria à Madalena: representações femininas nas histórias em quadrinhos**. 2014. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-20052014-123753/pt-br.php>. Acesso em 25 dez. 2022.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2017.

COAN, S. Lady's Comics: Movimento de autoras e os discursos na cena dos quadrinhos brasileiros. In: MARINO, D.; MACHADO, L. (orgs.). **Mulheres e Quadrinhos**. Florianópolis: Ed. Skript, 2019

CRUZ, A. L. O olhar predador: a arte e a violência do olhar. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, [S.l.], n. 89, p. 89-109, 2010. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/3735?lang=en>. Acesso em: 18 ago. 2018.

EUGÊNIO, J. D. **Elas fazem HQ! Mulheres brasileiras no campo das histórias em quadrinhos independentes**. 2017. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/183629?show=full>. Acesso em: 25 dez. 2022.

EUGÊNIO, J. D. **A velha história de quadrinhos de menina: mulheres artistas e o mito da genialidade**. 13º Mundos de mulheres e Fazendo Gênero 11. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2017b. Disponível em: [http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499480551\\_ARQUIVO\\_Jessica\\_Daminelli\\_Texto\\_completo\\_MM\\_FG.pdf](http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499480551_ARQUIVO_Jessica_Daminelli_Texto_completo_MM_FG.pdf). Acesso em: 25 dez. 2022.

FROHMANN, B. O caráter social, material e público da informação. In: FUJITA, M. S. L.; MARTELETO, R. M.; LARA, M. L. G. de. **A dimensão epistemológica da Ciência da Informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica Ed.; Marília: Fundepe Ed., 2008, p. 17-34.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. L. La organización del conocimiento desde la perspectiva poscolonial: itinerarios de la paraconsistencia. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Minas Gerais, v. 18, n. 4, p. 93-111, 2013. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1758>. Acesso em: 25 dez. 2022.

HARAWAY, D. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, [S.l.], v. 5, 1995, p. 07-41.

HEILBORN, M. L.; SORJ, B. Estudos de gênero no Brasil. In: MICELI, S. (org.) **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**: ANPOCS/CAPES. São Paulo: Editora Sumaré, 1999, p. 183-221.

HERMANN, N. A questão do outro e o diálogo. **Revista Brasileira de Educação**, [S.l.], v. 19 n. 57, p. 477-493, abr./jun. 2014. Disponível em:

[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1413-24782014000200011&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-24782014000200011&lng=en&nrm=iso&tlng=pt) . Acesso em 25 dez. 2022.

MARINO, D.; MACHADO, L. (orgs). **Mulheres e Quadrinhos**. Florianópolis: Ed. Skript, 2019.

MESSIAS, C. I. **Um panorama da produção feminina de quadrinhos publicados na internet no Brasil**. 2018. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2018. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-22022019-150556/pt-br.php>. Acesso em: 25 dez. 2022.

MULVEY, L. **Visual and Other Pleasures**. London: The Macmillan Press Ltd, 1989.

NASCIMENTO, M. do S. do. Gênero e Sexualidade: Contribuições Antropológicas para o Estudo do Currículo. **Revista Ártemis**, [S.l.], v. 10, p. 195-205, jun. 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/issue/view/998/showToc>. Acesso em: 25 dez. 2022.

NOGUEIRA, M. A.; DANTAS, D. F. Feminino, Intimidade e Subversão em Bordados, de Marjane. In: BRAGA JÚNIOR, A. X.; SILVA, V. F. da (org.). **Representações do Feminino nas Histórias em Quadrinhos**. Maceió: Edefal, 2015, v. I, p. 235-243.

OLIVEIRA, S. R. N. **Mulher ao quadrado**: as representações femininas nos quadrinhos norte-americanos: permanências e ressonâncias (1895-1990). Brasília: Ed. da UnB/ Finatec, 2007.

SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, [S.l.], v.15, n. 2, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/issue/view/3059/325>. Acesso em: 25 dez. 2022.

## VERSÃO INTEGRAL EM LÍNGUA INGLESA

### Specialized criticism of comics and the legitimation of female productions productions<sup>87</sup>

*Daniela dos Santos Domingues Marino*<sup>88</sup>

#### INTRODUCTION

The advance of academic studies of comics that accompanies the process of cultural legitimation that the Ninth Art has gone through in recent decades (CARVALHO, 2017), as well as the advent of the internet and social networks, has enabled an increase in discussions and reflections about how different social segments are represented in comics. As a phenomenon of observation of intersemiosis in the 20th century. XXI, we have the release of the feature film “Wonder Woman”, directed by filmmaker Patty Jenkins, in 2017. Later, due to the success achieved by Jenkins, she was also the director of the film “Wonder Woman 1984”, released in the year 2020.

In both cases, there was no history of women directing or co-directing, related to the intersemiotic productions of *mainstream* American comics. It is also important to highlight that, despite being an important and famous character, launched in the Golden Age of mainstream comics, Wonder Woman had her first appearance, as a secondary character, in the animated film “Lego Batman” of 2014.

These discussions have pointed to the existence of recurring stereotypes and tropes in relation to socially minorized groups that tend to be harmful (EUGÊNIO, 2017a; OLIVEIRA, 2007) and that, in the long term, generate the fixation of these stereotypes and prejudices in the collective imagination of readers, reinforcing the common sense of a dominant culture.

According to Bourdieu (1989), this dominant culture occurs through the legitimation of distinctions that aim to separate individuals according to the value system established by dominant groups that seek to define themselves by the distance they maintain from other groups.

---

<sup>87</sup>Received in 10/15/2022, version approved in 11/20/2022. Work originated from scientific communication presented in oral communication at the V National Forum of Researchers in Sequential Art (FNPAS), which took place in Santos/SP, from November 12th to 13th, 2020.

<sup>88</sup>Master in Communication Science from the School of Communications and Arts of the University of São Paulo – ECA/USP (2018). Doctoral student in the graduate program in Information Science at ECA/USP. LATTES ID: <http://lattes.cnpq.br/8047443418080931>. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-8713-2254>. Email: [dssdomingues@hotmail.com](mailto:dssdomingues@hotmail.com).

In comics, these distinctions can be observed from different elements that constitute their universe and specialized criticism is one of them. However, it is worth mentioning that such concerns related to the consumption of comic book criticism guide doctoral research that began in 2021, therefore, the notes presented here are still seminal and start from the reading of several authors to support and illustrate the social phenomena commented throughout this chapter.

In addition to what can be observed about the construction and representation of identities in pop culture in a capitalist context and the importance of cultural products for the articulation of meanings, there are aspects related to the way in which information about these products is disseminated that seems to significantly determine not only the relationship that the consuming public has with works that raise debates about gender, but also the way they interpret the information they receive about the works, thus affecting their distribution and reach based on the expression of critics and specialized vehicles that are they appropriate certain spaces as legitimizing cultural agents. This because

[...] information and communication technologies, by pointing to new forms of production, circulation and reception of symbolic products, contributed, along with the aesthetic discussion related to postmodernity, to make the current cultural scene increasingly complex. Multiple layers of information are added to cultural products, signaling the constitution of a new type of “knowledge” necessary for criticizing and understanding works. (ALMEIDA, 2009, p.184).

Several studies, including theses, articles, books and dissertations, have drawn attention to the absence of women in awards, anthologies and works on the history of comics in Brazil and in the world (EUGÊNIO, 2017a; OLIVEIRA, 2007, MESSIAS, 2018, MARINO; MACHADO, 2019; COAN, 2019) and by recording the presence of women in comics, researchers end up fulfilling a social role of preserving the memory of the artists, so that their existence is not erased as what happened with women in different areas of knowledge throughout the history of mankind and has occurred in relation to specialized criticism of comics.

This absence can be easily noticed when comparing the amount of reviews and criticisms about <sup>89</sup>male HQMIX winners and the amount of criticism about winning female productions in the same categories in different years, that is, even if unconsciously or unintentionally, the erasure of women in comics impacts the recording of their existences and

---

<sup>89</sup>Troféu HQ-Mix is considered the “Oscar of Brazilian comics”. It awards comic artists and scholars since 1988, and the award is maintained by the Association of Cartoonists of Brazil (ACB). Publisher's note.

the recovery of information about them in the future, an expensive subject not only for the history of knowledge, but also for information science, because,

[...] the power of writing is “an essential part of the mechanisms of the discipline” or the disciplinary apparatus through which individuals are constructed as objects of knowledge. Thus, Foucault’s interest is not in documentation as a means of communicating information, but as a transmission of generative and formative power, through which individuals who can be known are institutionally constituted. In general terms, there can be no information about something of a type X if this type does not exist. And if the type cannot exist without documentation, then documentation is needed for there to be information about it. (FROHMANN, 2008, p. 25).

In the past, one of the factors that hindered the reach and visibility of works produced by women was due to the prejudice of editors who determined who could be published or not, but, from the fanzine and self-publishing, many artists began to produce and distribute their works. comics independently. With the advent of the internet and social networks, an important leap was taken in terms of reach and means of publication, allowing artists to expose their comics to an increasing number of people (MESSIAS, 2018), which favors the impression of that so many women have never produced comics like today.

So, if in qualitative and quantitative terms women are more present in the production and research of comics, why is this presence still not felt in awards, conventions and fairs, anthologies, and other spheres of cultural legitimation of these productions?

One of the factors that may contribute to the difficulty of reaching these artists concerns the specialized criticism of comics as a cultural validation space that would enable the recognition of female production as something legitimate, of quality and of interest to the comic reader public in general, not just as niche products aimed at a female audience.

Although we can make a distinction between criticism and review (ALMEIDA, 2009), the reality is that the process of cultural legitimation of comics is still in the process of consolidation (CARVALHO, 2017), which means that many aspects of training such as an autonomous field are not structured in an egalitarian and diverse way since, at least in relation to comics criticism, it is a hegemonic space composed mostly of people from socially dominant groups, that is, privileged production in reviews, awards , anthologies, reflects the position that critics occupy in the social space, a position that distances itself from other groups through various distinctions:

In the struggle for the imposition of a legitimate view of the social world, in which science itself is inevitably involved, agents hold power in proportion to their capital, that is, in proportion to the recognition they receive from a group. The authority that underlies the performative efficacy of the discourse on the social world, the symbolic force of visions and predictions that aim to impose principles of vision and division of this world, is a *percipi*, a known and recognized *being (nobilis)*, who lets you



impose a *percipere*. Those most visible from the point of view of prevailing perception categories are those best placed to change the view by changing perception categories. But, with few exceptions, they are also the least inclined to do so. (BOURDIEU, 1989, p. 145).

This means that even if there are spaces dedicated to the analysis, criticism and dissemination of comics produced by women, these spaces are maintained by social agents who do not enjoy the same “respectability” and scope that male critics have. In this sense, it is possible to infer that one of the factors that would hinder the greater insertion of women in the comic book market is the way in which their comics are evaluated, when they are evaluated, by critics with greater symbolic power. Considering that most of what is published about comics is disseminated via the internet and social networks, the concepts related to how people access this information and what they do with the information they receive can provide means of interpreting the phenomena involved during the reading and processing of the knowledge obtained about the works mediated by specialized critics.

Thus, deepening the debate around gender issues that can be observed in cultural criticism of comics produced by women can be a way to discuss the deconstruction of a view that has been harmful to various groups due to the way they are treated. represented in all narratives for several centuries. This gaze, mostly male (MULVEY, 1989), has been the subject of reflections in several areas of knowledge and affects not only women's access to artistic work, but also determines who can talk about what and to whom, that is, it affects the criticism of female productions and determines their scope, appropriation, reception and circulation under the recurrent argument that criticism would operate from technical and objective criteria and that, therefore, predominantly negative or simply non-existent evaluations of female production, in all areas, are not due to subjective aspects related to the personal taste of their authors and the social construction of this taste to which we are all subjected.

However, while art, literature and even cinematographic criticism were consolidated as academic disciplines in several courses, the same does not occur with comics and their derivative productions, after all, their process of cultural legitimation is still ongoing. The “criticisms” produced and disseminated on social networks and blogs come from fans or journalists specialized in comic books, even though there is no discipline in journalism courses exclusively dedicated to the technical analysis of these works, with few exceptions.

Thus, what we seek to reflect from this chapter is how the incidence of the male gaze represents a determining aspect of the evaluation and attribution of value to a work in the criticism of comics that raise debates on gender issues, since they are introjected social

representations that would determine how consumers relate to the messages and contents of these works.

## GENDER AS AN ANALYSIS CATEGORY

Fiction cannot be dissociated from the context in which it is inserted and where it was produced, as the symbolic negotiation that takes place between a significant part of the public and the works takes place from repertoires and experiences that occur outside the pages of comics and affects, together with with other cultural products, the way in which part of the public for which these works are intended seeks to build its identity.

The origin of considerations on gender and sexuality dates to the emergence of gender studies and has at its heart questions raised by the first and second wave feminist movements, permeated by anthropology, demonstrating the transdisciplinary character that gender theory presents, having among its greatest icons, Simone de Beauvoir and Judith Butler.

Within the academy, several terminologies were and are used to contemplate studies related to genres. According to Heilborn and Sorj (1999), “Woman Studies, Gender Studies or Gender Relations” were the formulas found to institutionalize the reflection driven by the dialogue with feminism in Brazilian academia.

Mainly from the 1980s onwards, the substitution of the word “woman” for “gender” contributed to the rejection of biological determinism as the only fundamental element of social and sexual categorizations (HEILBORN; SORJ, 1999; SCOTT, 1995), thus enabling, that studies of gender relations could be understood as elements responsible for the organization of social life whose effects would also affect the production of academic knowledge.

It is through academic categorization that we can understand, for example, that “everything that is of the human order is marked, meaning being established by value” (HEILBORN; SORJ, 1999), emphasizing that within a social hierarchy, it is the based on the determination of the “masculine” or in opposition to it, that productions are evaluated as good or bad, tolerable, or not and

[...] aesthetic intolerance exerts terrible violence. The aversion to different styles is undoubtedly one of the strongest barriers between classes: as a good testimony, we have homogamy. And, for those who believe they have the legitimate taste, the most intolerable thing is, above all, the sacrilegious gathering of tastes that, by order of taste, must be separated. (BOURDIEU, 2017, p. 57).

According to Bourdieu's diagram of distinctions, people belonging to the same social groups tend to get closer precisely because of their similarities as they move away from other groups:

Proximity in social space predisposes to approach: people inscribed in a restricted sector of space will be both closer (because of their properties and dispositions, their tastes) and more inclined to approach; and also easier to approach, to mobilize. (BOURDIEU, 1996, p. 25).

For Becker (2009), these productions are social representations organized from certain criteria that tell us about some aspect of social life and for them to be interpreted it is necessary that their producers and users establish, implicitly, in most cases, what are the codes involved in these works that will enable them to adequately fulfill their role, that is, to communicate to users what their producers intended to communicate:

In general, producers perform representations in a standardized way that everyone understands and knows how to make and use. Occasionally, however, for whatever reason, someone begins to make representations of a particular type differently, violating some of the existing agreements and causing disagreements and conflicts. These situations, which call into question patterns taken for granted, provide the best possible data for the sociological analysis of the day-to-day work of representing society. The polarity of standardization and innovation highlights many features of the process. (BECKER, 2009, p. 96).

Thus, representations that deviate from the standard that allows users of certain works to understand them, end up generating conflicts and discussions about what would be the best way to represent the various elements contained in a production in a way that they please its users. For this reason, throughout several essays, Becker (2009) reflects on the need for diversity in social representations based on the idea that no representation can contemplate a social phenomenon in its entirety, be it a scientific representation, through mathematical tables and statistical data, or artistic like a photograph or theater play.

To subvert this perception that what certain groups produce is not good, it is necessary to work on social, cultural, and epistemological deconstruction based on concepts related to decolonization. García Gutiérrez (2013) calls this process of deconstruction and decolonization of the gaze “declassification”. The author proposes that intense work be carried out on culture, identity, memory, and the organization of knowledge that rehabilitates the perception and production of meanings based on the logic of paraconsistency. This means that when approaching apparently antagonistic concepts, what is sought is not the exclusion of one or the other in the binary perspective that one is right and the other wrong, one is good and the other is bad, but that both can be true. That is, proposing new ways of evaluating certain works does not mean imposing that other perspectives are extinguished, but, above all, recognizing

that new, more inclusive possibilities must be equally considered, a thought that is shared by Becker when he concluded that “a good investigation of any social phenomenon brings us a Babel of different voices. If we want to do the work of representation accurately, we have to hear and report all these voices” (BECKER, 2009, p. 257).

Therefore, it is necessary to make use of theories from different areas so that we can understand a given social phenomenon in its breadth, since not always a single theory or methodology of analysis can contemplate an event in its entirety. Therefore, it is at the intersection of concepts related to gender issues, comics, criticism, culture, sociology and information science that we can find subsidies for building a repertoire that allows us to reflect in depth on the themes presented here.

## MALE GAZE AND COMIC STUDIES

Since issues related to how women are socially and culturally validated are not limited to a single field, it is therefore necessary to think of methodological paths that allow the analysis of phenomena in the broadest possible way. One of these pathways is the horizontal production of knowledge – PHC – (BERKIN, 2020), which considers the use of different types of knowledge to produce knowledge that enables the solution of common problems. According to Berkin, the horizontal production of knowledge is a proposal for an investigation that dialogues with the different ways of understanding the world, assuming that “those involved in problems also have solutions. dialogue the problems that threaten social life” (BERKIN, 2020, p. 11).

In this sense, even though the concept of *male gauze* has been conceptualized based on psychoanalysis and the type of look that consolidated the way cinematographic productions were developed, it is possible to observe it in comics not only in relation to the type of framing to which certain characters are subjected (all female characters and some male characters like Nightwing, from DC), but also in the way comics produced by women are evaluated by specialized critics: while the character of genius is often attributed to comic artists male and heterosexual (EUGENIO, 2017b), the other productions that differ from the norm by presenting issues related to gender are often called “pamphlet”, “political”, “lacradoras”<sup>90</sup>.

This occurs because the myth of the universal masculine and impartial objectivity, whether in specialized criticism or in any other field, is based on the belief in the lack of female

---

<sup>90</sup>Lacradora is a term used by content producers about pop culture who identify with movements like comicsgate, dedicated to attacking any authors or comics that bring representations of diversity in their stories. Available at: <https://www.nebulla.co/comicsgate/>. Accessed on: 14 Mar. 2023.

objectivity (HARAWAY, 1995) and illustrates how other productions evolved from the idea that everything that concerns what is not “of man”, reflects the yearnings, ideas of the “other”, of everything that is not the “I” (BEAUVOIR, 2014; HERMANN, 2014), that is, everything that is not produced for someone who is a member of a dominant group only exists conceptually in opposition to what is the norm and in this category are women, who, according to Haraway (1995), suffer from being objects of a perverse look on the part of male colleagues in society. science, as happens with women in artistic productions when they are observed through *male gaze* :

Laura Mulvey developed the concept of male gaze when, while making the analytical distinction between emission and reception, she analyzed the ideal spectator, arguing that the images offered by Hollywood had the objective of promoting male visual pleasure, which she “interprets with the paradigms of psychoanalysis, including scopophilia and voyeurism” The concept of gaze has, fundamentally, to do with the relationship between pleasure and images. Male gaze is developed here in the sense of the power of those who look and the dispossession of those who are looked at, also emphasizing the dimension of the colonizing gaze. (CRUZ, 2010, p. 72).

Still on the incidence of this gaze, Oliveira (2007) states that the female body is idealized for and based on the male gaze, as it is he who appropriates and constitutes women in what Bourdieu calls symbolic objects. Both symbolic objects and their characteristics (beauty, size, height...) exist primarily through and for the gaze of others as receptive, attractive, and available objects, that is, productions that do not contemplate these aspects tend to be automatically intolerable for the group that has the power to legitimize them.

## FINAL CONSIDERATIONS

Bearing in mind the path indicated for the use of concepts that make possible a diversity of ways in which we can reflect not only on the production of comics, but also on their reception, mediation, scope and consumption, considering that specialized criticism is one of the spaces for legitimizing productions would lead us to re-signify the way they are made in order to subvert the relationship we have with them. This means that not only should critics consider fairer and more egalitarian analysis criteria when evaluating all productions, but it is also urgent that comic book readers think critically about what they consume so that male *gaze* is not reinforced at all stages involved. in the circulation of comics. To this end, publishers and authors could encourage more channels that produce content focused on female productions such as **Mina de HQ** , **Garotas Geeks** , **Delirium Nerd** , **Preta**, **Nerd and Burning Hell** , **Diversidade Nerd and Splash Pages** with submissions of their productions in the same way who already do so for critics

with greater reach, after all, having a greater number of followers on their social networks does not mean that among these followers there are readers of works considered niche.

Finally, this is initial research that aims to alert the academic community of studies of comics to the fact that the process of cultural legitimation of these sequential productions is still ongoing and this legitimation passes through several spheres that do not operate in an egalitarian way. in relation to all genres of comics.

Specialized criticism is just one of the spheres through which comics can be culturally legitimized and, as in any field, their production is permeated by values that reflect the context in which they are inserted. To a greater or lesser extent, problems related to machismo and sexism present in society, including *male gaze*, can be observed and, as these are problems that significantly affect members of this milieu, they need to be demystified and even fought. After all, it is in the interest of Information Science, Applied Social Sciences, and the humanities in general that the fields of knowledge become more diverse spaces and reflect the plurality of traits, themes, experiences that are “in the comic book” and outside of it as well.

## REFERENCES

ALMEIDA, M.A. de. Informação, tecnologia e mediações culturais. **Revista Perspectivas em Ciência da informação**, [S.l.], v.14, n. esp., p. 184-200, 2009. Available at: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23126>. Access on: 25 dez. 2022.

BEAUVOIR, S. de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1960.

BECKER, H. **Falando da Sociedade** – Ensaio sobre as diferentes maneiras de representar o social. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2009.

BERKIN, S. C. **Producción horizontal del conocimiento**. Alemanha: Bielefeld University Press, 2020.

BOFF, E. de O. **De Maria à Madalena: representações femininas nas histórias em quadrinhos**. 2014. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Available at: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-20052014-123753/pt-br.php>. Access on: 25 dec. 2022.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2017.

COAN, S. Lady's Comics: Movimento de autoras e os discursos na cena dos quadrinhos brasileiros. In: MARINO, D.; MACHADO, L. (orgs.). **Mulheres e Quadrinhos**. Florianópolis: Ed. Skript, 2019

CRUZ, A. L. O olhar predador: a arte e a violência do olhar. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, [S.l.], n. 89, p. 89-109, 2010. Available at:  
<https://journals.openedition.org/rccs/3735?lang=en>. Access on: 25 dec. 2022.

EUGÊNIO, J. D. **Elas fazem HQ!** Mulheres brasileiras no campo das histórias em quadrinhos independentes. 2017. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Available at:  
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/183629?show=full>. Access on: 25 dec. 2022.

EUGÊNIO, J. D. **A velha história de quadrinhos de menina: mulheres artistas e o mito da genialidade.** 13º Mundos de mulheres e Fazendo Gênero 11. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2017b. Available at:  
[http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499480551\\_ARQUIVO\\_Jessica\\_Daminelli\\_Texto\\_completo\\_MM\\_FG.pdf](http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499480551_ARQUIVO_Jessica_Daminelli_Texto_completo_MM_FG.pdf). Access on: 25 dec. 2022.

FROHMANN, B. O caráter social, material e público da informação. In: FUJITA, M. S. L.; MARTELETO, R. M.; LARA, M. L. G. de. **A dimensão epistemológica da Ciência da Informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação.** São Paulo: Cultura Acadêmica Ed.; Marília: Fundepe Ed., 2008, p. 17-34.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. L. La organización del conocimiento desde la perspectiva poscolonial: itinerarios de la paraconsistencia. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Minas Gerais, v. 18, n. 4, p. 93-111, 2013. Available at:  
<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1758>. Access on: 25 dec. 2022.

HARAWAY, D. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, [S.l.], v. 5, 1995, p. 07-41.

HEILBORN, M. L.; SORJ, B. Estudos de gênero no Brasil. In: MICELI, S. (org.) **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995): ANPOCS/CAPES.** São Paulo: Editora Sumaré, 1999, p. 183-221.

HERMANN, N. A questão do outro e o diálogo. **Revista Brasileira de Educação**, [S.l.], v. 19 n. 57, p. 477-493, abr./jun. 2014. Available at:  
[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1413-24782014000200011&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-24782014000200011&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Access on: 25 dec. 2022.

MARINO, D.; MACHADO, L. (orgs). **Mulheres e Quadrinhos.** Florianópolis: Ed. Skript, 2019.

MESSIAS, C. I. **Um panorama da produção feminina de quadrinhos publicados na internet no Brasil.** 2018. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2018. Available at:  
<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-22022019-150556/pt-br.php>. Access on: 25 dec. 2022.

MULVEY, L. **Visual and Other Pleasures.** London: The Macmillan Press Ltd, 1989.

NASCIMENTO, M. do S. do. Gênero e Sexualidade: Contribuições Antropológicas para o Estudo do Currículo. **Revista Ártemis**, [S.l.], v. 10, p. 195-205, jun. 2009. Available at: em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/issue/view/998/showToc>. Access on: 25 dec. 2022.

NOGUEIRA, M. A.; DANTAS, D. F. Feminino, Intimidade e Subversão em Bordados, de Marjane. In: BRAGA JÚNIOR, A. X.; SILVA, V. F. da (org.). **Representações do Feminino nas Histórias em Quadrinhos**. Maceió: Edufal, 2015, v. I, p. 235-243.

OLIVEIRA, S. R. N. **Mulher ao quadrado**: as representações femininas nos quadrinhos norte-americanos: permanências e ressonâncias (1895-1990). Brasília: Ed. da UnB/ Finatec, 2007.

SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, [S.l.], v.15, n. 2, jul./dez. 1995. Available at: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/issue/view/3059/325>. Access on: 25 dec. 2022.